

# Sociólogo francês defende modelo FH

José Paulo Lacerda/AE—4/12/94

*Em artigo publicado no jornal "Le Monde", Alain Touraine elogia Fernando Henrique*

REALI JUNIOR

PARIS — O presidente Fernando Henrique Cardoso já conta com um defensor incondicional na Europa, tido como seu guru no plano externo — o sociólogo Alain Touraine, seu amigo desde os anos 60, quando ambos lecionavam na Universidade de Nanterre. No momento em que surgem as primeiras críticas à nova administração, em Paris e Londres, onde jornais como o *Financial Times* e o *Le Monde* afirmam que erros e desacertos têm se acumulado nesses primeiros dias de governo, citando o problema do déficit da balança comercial e os aumentos abusivos dos salários do primeiro escalão, o sociólogo francês da *Maison de Sciences de l'Homme*, sai em sua defesa propondo em longo artigo "O modelo Cardoso para a América Latina".

A seu ver, a Europa, após anos de indiferença e incompreensão, deve ver atualmente no Brasil, no Chile e na Argentina, parceiros econômicos privilegiados. Em seu artigo, publicado pelo jornal *Le Monde*, a reaproximação dos países da União Européia e de um Mercosul mais amplo deve mudar as perspectivas geopolíticas do mundo no início do século 21.

Certos analistas, entretanto, principalmente os do Instituto de Relações Internacionais da França, mesmo acreditando que Brasil e Chile e Argentina caminham numa boa direção, não concordam, inteiramente com a análise otimista do renomado sociólogo, chamando atenção não só para as consequências da crise mexicana, mas também para os perigos que rondam atualmente o próprio plano econômico argentino, revelando toda sua fragilidade. A tal ponto que o presidente Carlos Menem foi obrigado a viajar para Washington e Davos, na Suíça, para tentar, ao lado de seu ministro da Economia, Domingo Cavallo, tranquilizar os meios financeiros e os investi-



O acadêmico: gesto contra a indiferença européia

dores internacionais. Para Touraine, entretanto, a eleição de Fernando Henrique foi o mais importante dos três grandes acontecimentos recentes do continente latino americano, citando a crise mexicana e o início do funcionamento do Mercosul. De acordo com Touraine, "o Brasil oitava potência econômica mundial, foi o último país a resistir à abertura do mercado, prisioneiro de um nacionalismo econômico que se degradou há muito tempo em corporativismo, clientelismo, protecionismo irracional, corrupção, e, finalmente, em hiperinflação". A seu ver, após ter perdido cinco anos preciosos com o malogro social e econômico de sua transição para a democracia, o Brasil descobre o realismo e se dota dos meios de uma política social que tem necessidade urgente. Para Touraine, a unidade desses acontecimentos se deve ao

ajustamento liberal das economias ao mercado mundial: "Os que negaram essa necessidade encontram-se fora do jogo, intelectual e politicamente."

O sociólogo francês reconhece que o choque liberal não resolve tudo e que a América Latina continua dominada por imensas desigualdades sociais, o que levou muita gente a pensar que era preciso dar prioridade aos deserdados. A seu ver, a realidade desmentiu duplamente essa escolha que pa-

recia se impor política e moralmente: "Os marginalizados, em todo o mundo, não são mobilizáveis, mas fortemente dependentes de dirigentes ou de aparelhos políticos. Em nome da defesa dos mais fracos, vimos, sobretudo, se organizarem velhas classes médias ligadas ao Estado." Touraine explica a vitória do PT em Brasília, cidade de funcionários, pelo neopopulismo que não apresentava projetos de luta contra a pobreza, mas sim para a defesa de um Estado neocorporativista.

A seu ver, os que acreditaram no Brasil que Cardoso representava a direita e Lula a esquerda cometeram um contra-senso completo que permitiu a eleição de FH já no primeiro turno. Como se vê, o presidente brasileiro encontra atualmente no sociólogo francês um importante respaldo político no plano externo que lhe poderá ser muito útil.

**T**EXTO  
SERVE COMO  
RESPOSTA A  
CRÍTICAS